



DE QUIRET
A vida é curta para quem
a disfrutar e prolonga-
se para quem
sofre.

Laudades.

**Cartão
Pós-Tal**

A-15-72-1904-

A.G.

1058

Ano 4 Número 4 - 14 de março de 2014

ISSN - 2236 9570

Expediente

Organização e seleção de texto: Tânia Maria de Araújo Lima

Programador: Jonathan Silva Gomes

Revisão: Andréa Cristina Soares Costa; William Brenno dos Santos Oliveira

Arte final da capa e contracapa:
Tânia Lima

Contato - email: manguesletras@gmail.com

Conselho Editorial

Fernanda Meireles (CE); Cristiane Sobral (DF); André Monteiro (MG); Valéria Regina Dallegrave (CE); Flávia Maia (PB); Ricardo Riso (RJ); Ana Claudia Gualberto (PB); Esmeralda Ribeiro (SP); William Ferreira (Guiné-Bissau); Carlos Braga (RN); Ana Marinho (PB); Lúcia Lucena (PB); Alexandra Isfahani-Hammond (EUA); Valdenides Cabral (PE); Daniele Bezerra (CE); Cremildo Bahule (Moçambique).

Editorial

A revista de arte Manguês & Letras é uma revista monotemática de Literatura. Nesta edição "Cartão Pós-Tal" embaralhamos as mensagens no túnel dos envelopes antigos. Havia lembranças acompanhando a travessia das palavras em seu estado embrionário afetivo. Percebemos também que as cartas antigas vêm sendo registradas dentro de infinitos labirintos por onde transitam as interseções internautas. Precisamos sair feito carteiro que batem de porta em porta, fechando e abrindo sites, embrenhamo-nos nas teias dos endereços sem endereços certos. Saímos pelas ruas encruzilhadas coletando cartas como quem abre novas formas de lidar com o mundo que aí se apresenta. Cartas são notíciinhas imprecisas sem assunto certo.

Carteiros imateriais

Pagu; Tarsila do Amaral; Goethe; Oscar Wilde; Wilson Bueno; Henfil; Rosângela Trajano; Bartolomeu Campos de Queirós; Patativa do Assaré; Mário Quintana; John Lennon; Fernando Sabino; Elizabeth Bishop; Gustave Flaubert; Virginia Woolf; Tânia Lima; Julio Cortázar; James Joyce; E. Piaf; Lima Barreto; Fernando Sabino; Luiz Gonzaga; Garcia Lorca; Salvador Dalí; Z. Bauman; Hilda Hilst; Augusto Comte; Marcel Proust; José Saramago; Marquês de Sade; Antônio Cícero; Caio Fernando Abreu; Voltaire. Mário Cesariny.

revista

**mangues
& letras**

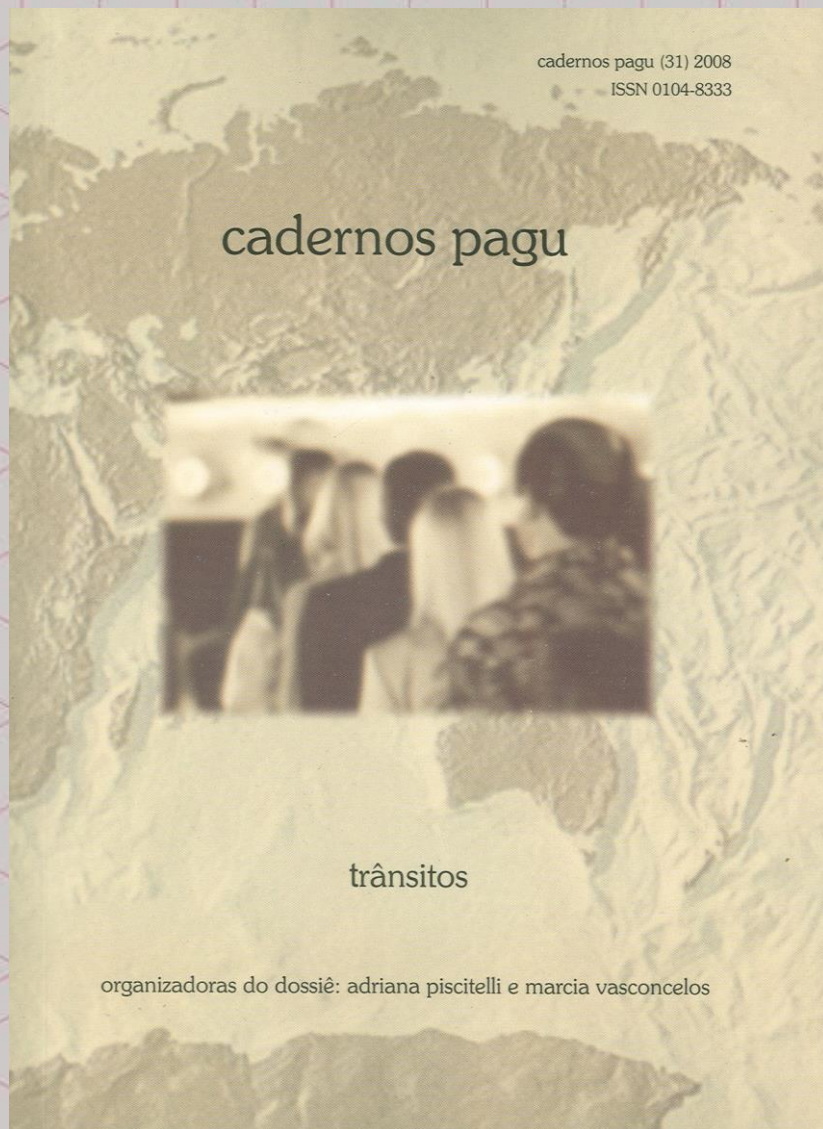
CARTÃO POSTAL
União Postal Universal



Impresso no Brasil
Reprodução proibida



RECIFE - Hospital D. Pedro II.



Tenho várias cicatrizes,
mas estou viva. Abram a
janela.

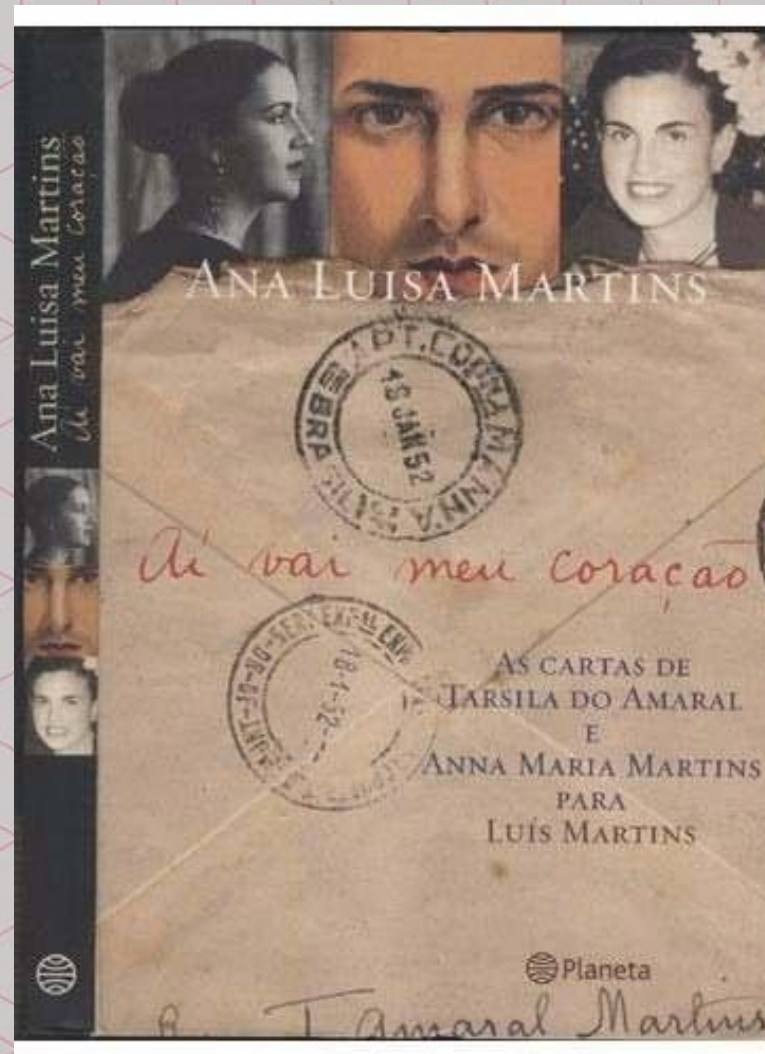
Desabotoem minha blusa.

Eu quero respirar

PAGU

De Osurld
Iremos hoje a missa rezar
por sua intenção, visto a
mãe com pombia em que você se
mette. E festejaremos você no pala-
cio quindado do Mouro dos Insejos,
sobre este São Paulo de porcelana que junho
transforma num ribernal sex-apito.

TARSILA DO AMARAL



Chico Xavier

Correspondência

Mário de Andrade
&
Tarsila do Amaral

2

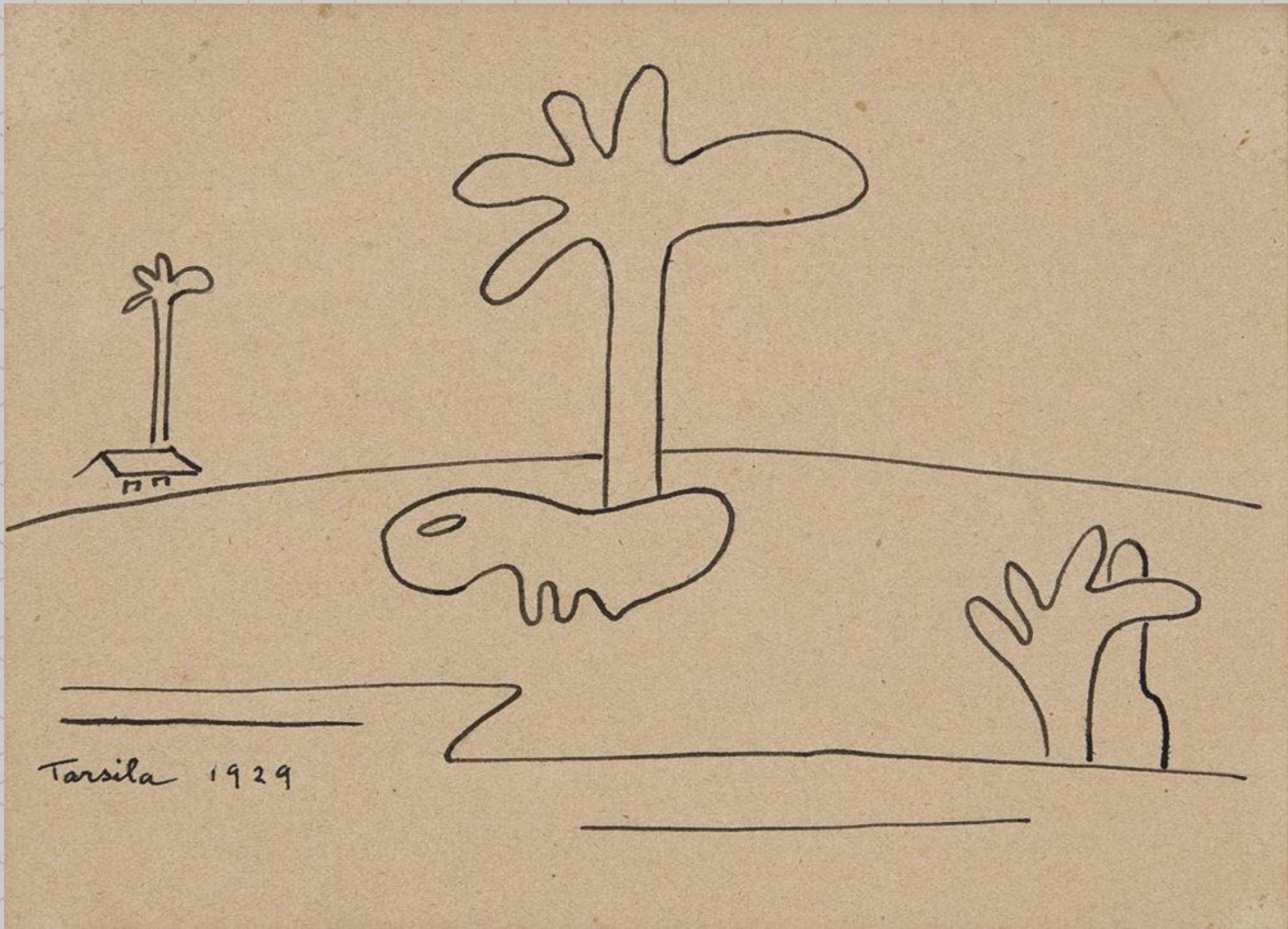
Aracy Amaral
(Org.)



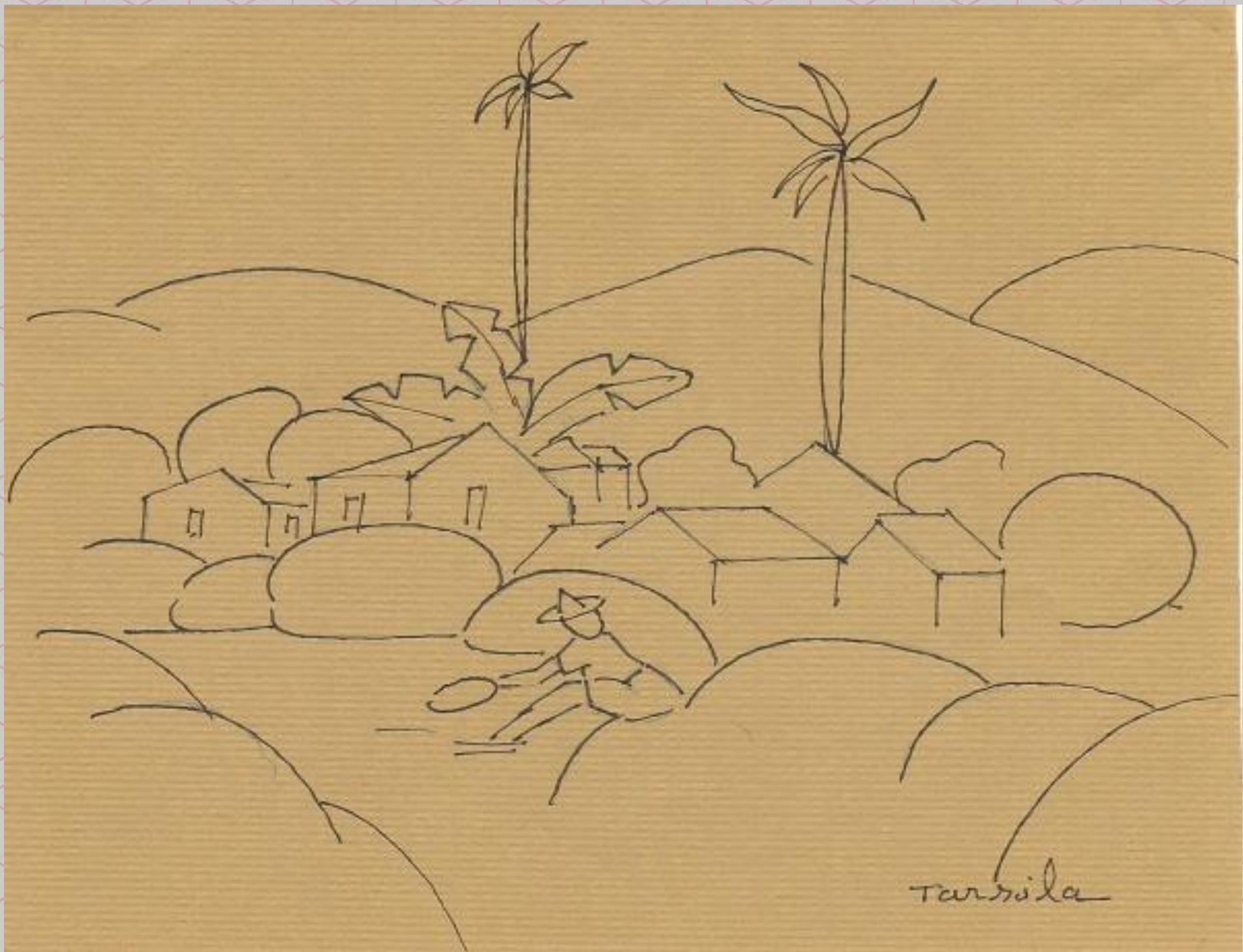
Tarsila

Prevenindo a Sra Directora. Suas primas já sabem por mim que vocês não podem escrever e não ficam sentidas.
Estou ficando com uma fama por aqui e toda a gente está se interessando por uma artista cubista.
Adens, minhas bichinhas queridas.
Saudades. Ahacos. Rincões.
Da mamã Tarsila

Carta de Tarsila do Amaral a Chico Xavier



Tarsila 1929



Tarsila

JOHANN WOLFGANG VON GOETHE 1749-1832



DEUTSCHE BUNDESPOST

60

1982

JOÃO
GUIMARÃES
ROSA

*... e de que
cada-uma, e as, se
na - mais do que
segurança? Se pode
laundade, que inte
nel. Cada livro, li
em manuscrito
- precisa*

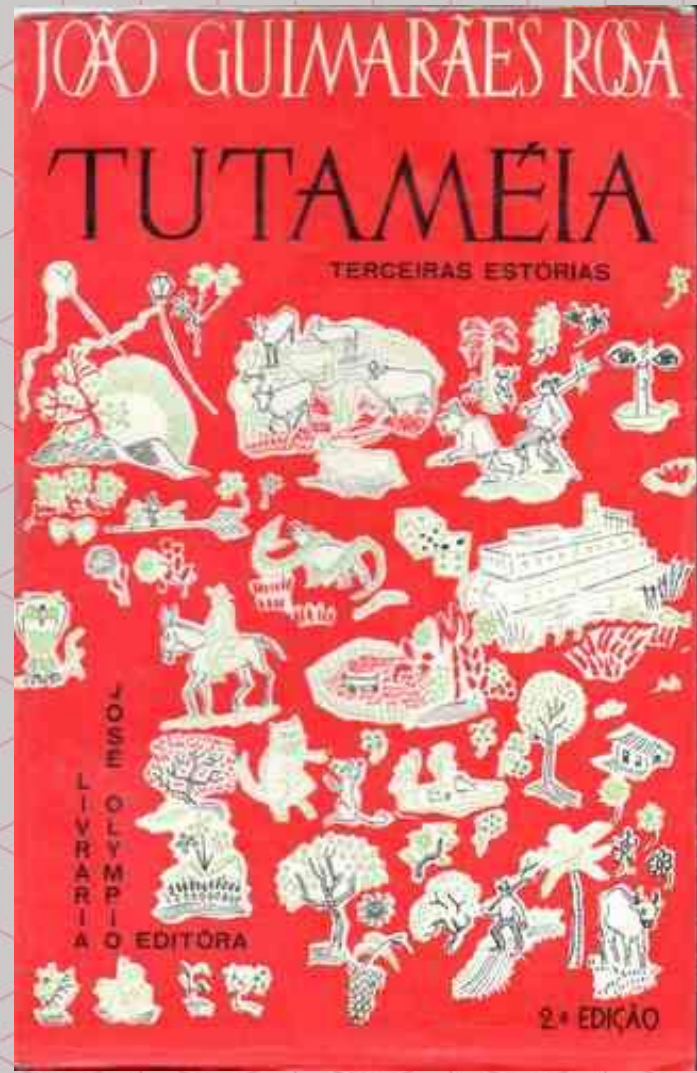


CORRESPONDÊNCIA
COM SEU TRADUTOR ALEMÃO
CURT MEYER-CLASON
(1958-1967)

Rio, 11-1-67
Meu caro Curt Meyer-Clason,
Estão recolhendo sua boa conta de 5 doite -
quando-me com a notícia da sua saída para a data
me passo enfim às mãos do "Corpo de Saile". E a
retábulo, que se estariam copiar de minha conta de
da Olimpico esta-lhe RE-POMETENDO um exemplar
três diários "Estórias", RE-POMETENDO também pa
Três diários "Estórias", RE-POMETENDO também pa
Três diários "Estórias", RE-POMETENDO também pa



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA



Ooó do Vovô. Ooó do Vovô. Ooó
Ooó do Vovô. Ooó do Vovô. Ooó
Ooó do Vovô. Ooó do Vovô. Ooó
Ooó do Vovô. Ooó do Vovô. Ooó
Ooó do
Ooó do
Ooó do
Ooó do
Ooó do
Ooó do
Ooó do Vovô. Ooó do Vovô. Ooó
Ooó do Vovô. Ooó do Vovô. Ooó
Ooó do Vovô. Ooó do Vovô. Ooó
Ooó do Vovô. Ooó do Vovô. Ooó

Correspondência de
João Guimarães Rosa,
vovô Joãozinho, com
Vera e Beatriz Helena Tess



Revárzeas, 11/ julho/1984

João Antônio. Muifíssimo prezado.

A correria, aqui, tem sido imensa. Além do trabalho com as crônicas do jornal, três vezes por semana, ainda funciono regularmente pela manhã e à tarde no lufalufa pela subvida. Mas só assim para eu escrever. Desembestei, João Antônio, desembestei nas escrevinhações. Estou fazendo o que considero anotações, à grande, para o livro (ou livros), que pretendo escrever.

O Aleijadinho saiu, ao menos por um período (já aconteceu outras vezes) do rol das minhas obsessões. Li, inteiro, o livro da Isolda. É quase certo que seja essa mesma que andava lá por Congonhas, naquele tempo

que lhe dei notícia em carta. Só pode ser ela. O livro é (foi) fantástico, lido numa fase de vagabundagem total e sem as alusões de agora.

Fico te devendo carta alentada sobre Antônio Francisco Lisboa. Creio que a minha visão bem pequena das coisas, não há de fazer falta. Com sinceridade.

Aí vai a primeira das cartas de Um Pingente. Embora o esforço do grande ilustrador brasileiro — Seto. Lembra dele? — passou por quase todas as revistas e editoras de São Paulo. Japonês de grande talento, e ainda que heterossexual definitivo, um apaixonado por Mishima. Na correria das redações, principalmente cá por estas plagas e num jornal relativamente novo, enfiou um baita U no PINGENTE, como v.verá, mas a matéria ficou, no todo, muito boa, em minha opinião. E mereci, inclusive, nesse dia, chamada de primeira página. Aliás, o meu trabalho, que assim que possa, te mando xerox (para uma severa avaliação) vem fazendo um sucesso que acho que não mereço muito, cá por estas bandas. Aquela que lhe enviei (o jornal inteiro, como IMPRESSO e que v., até agora não acusou se recebeu, ou não) sobre os POLAC OS ganhou elogio até de gente super-enfarada. Tanto fazia — gente super-enfarada não têm

opinião, tem estado-de-espírito.

Vivência marioandradiana, de três, quatro ocupações simultâneas e mais o mundo de cartas, epistolagem de Norte a Sul deste país.

E ainda as leituras: acabo de sair de um livro que li com unção, pesando e fazendo escorrer na voz e até nas mãos, cada frase, cada período, cada parágrafo, cada capítulo: "INFÂNCIA" do mestre Graciliano. Resolvi, por acaso, lê-lo já que havia a besteira de não entendê-lo, embora a leitura total, lá nos meus dezesseis anos. É uma definitiva obra-prima. Melhor, muito superior que a Infância de Tolstói e acho que em domínio de língua supera o Machado de Assis. / Terminou o papel e o tempo! / ESCREVA — ESCREVA — ESCREVA.

Wilson Bueno.

São Paulo, 13 de outubro de 1982.

Mãe,

Naquela manhã ou tarde de 1500, quando gritaram TERRA À VISTA!, os livros de história pensaram escutar navegadores, descobridores. Mas o que os índios viram, a olho nu, foi o grito de guerra dos corretores imobiliários.

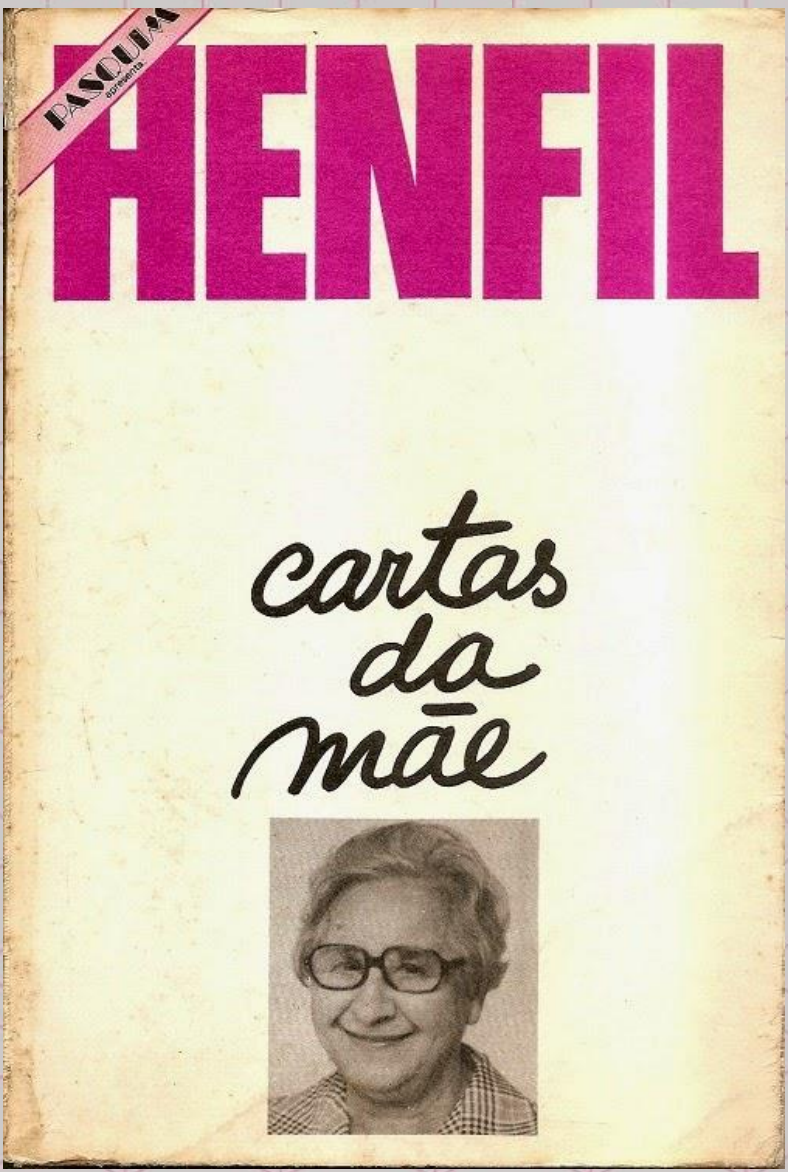
Quatro séculos depois, quem não morreu, como os Pataxó, Botocudo, Tupiniquim, acordou gelado feito platéia de Calígula. O mesmo grito agora em replay: TERRA À VISTA!!

Veja a senhora, o Governo da Bahia foi quem distribuiu títulos de propriedade aos fazendeiros. Aí valeu tudo para o saque, de corrupção de funcionários a queima de ranchos.

Os índios para sobreviver não precisam de geladeiras, TVs, videocassetes, ioiôs, Angras nem aspirinas. Arrancados da terra, simplesmente morrem, estão morrendo, vão morrer.

A SENHORA É CÚMPLICE! Perdoe a frase de efeito. Mas quem agora sabe e não impedir esse genocídio passa a ser cúmplice. Do presidente à minha mãe.

Henfil.



Natal, 18 de junho de 1993.

Carta à menininha do vestido vermelho.

Querida menininha,

Como está você? Sinto saudades. A minha vida não tem sido nada fácil esses dias. Estive doente. Sinto-me doente de um não querer outro dia em mim. Como era bom quando você vinha me ver nas manhãs de outono. Estou sentada embaixo do cajueiro onde você gosta tanto de ficar. Ainda há pouco tomei uma xícara de café quentinho. É tarde de primavera. Os sabiás cantam nos galhos das árvores e o mundo parece adormecido com o silêncio que se faz presente agora. Tudo é flor.

Menininha, conte-me o que tem feito. Da última vez que estivemos juntos você me falou que estava

criando um cachorrinho. Como vai ele? Os cachorros são bons companheiros, diferentes de algumas pessoas que vez por outra nos machucam. Eu tenho feito coisas pequenas, pois a minha coluna já não aguenta mais tanto esforço físico. Nesses últimos dias plantei tomates na minha horta. Gosto do vermelho dos tomates. Ah! Por falar em vermelho lembrei-me de que estava com um vestido vermelho no nosso último encontro! Quando você vier me visitar da próxima vez farei uma torta de tomates para comermos! É bem verdade que tomates vermelhos cicatrizam as feridas do coração, se é assim, meu coração estará saudável, em breve.

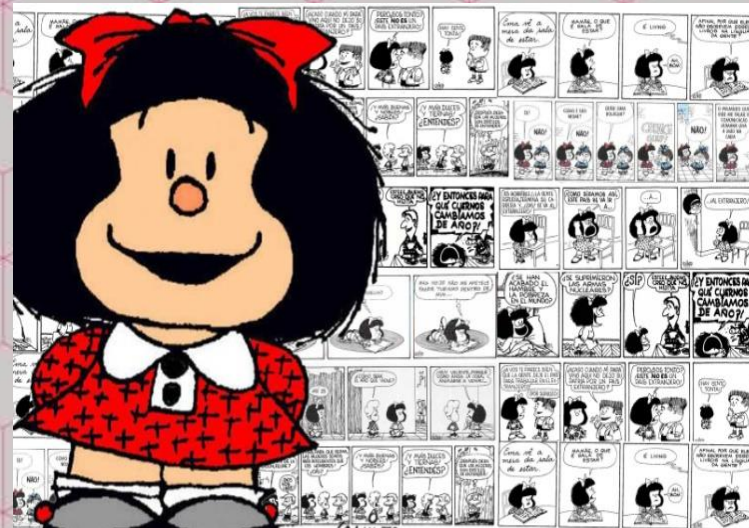
Sabe, menininha, viver sozinha é uma coisa esquisita como esquisito é dormir e sonhar com quem está

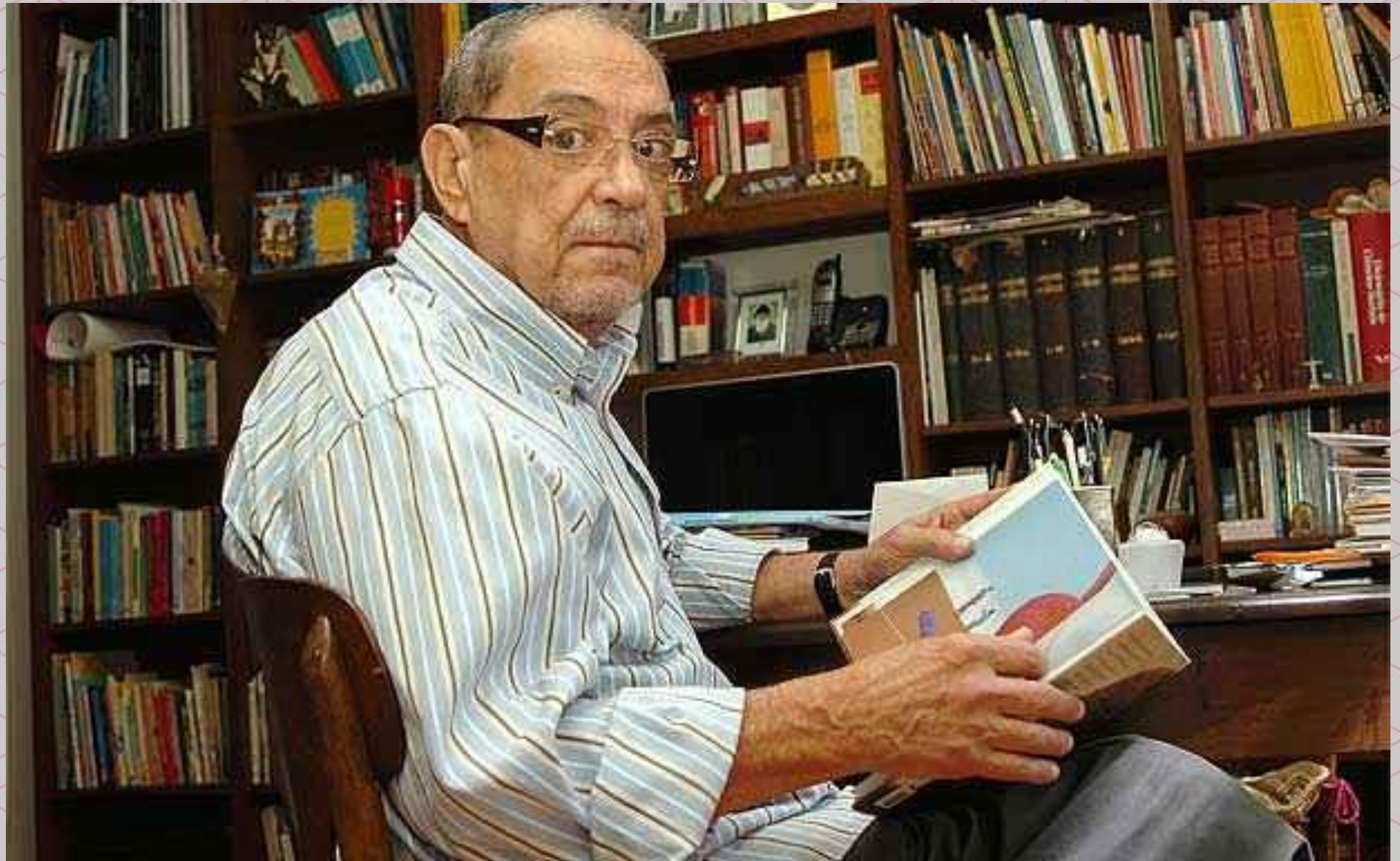
longe. A gente fica ouvindo o som do nada, e ele chega pela manhã cedo assim que nos acordamos. O nada que me envolve o dia inteiro e me arrebatava a alma como um sopro bravo arrebatava os girassóis do meu jardim. Estou necessitando muito do seu abraço de menina que gosta de brincar de ursinhos. Ontem estava lendo um livro de poesias de Fernando Pessoa e me encheu de dúvidas o amanhã. Será mesmo que verei a penúltima estrela do amanhã? E se acordar tarde demais, menininha? E se eu dormir para sempre? Para esquecer esses pensamentos que me tomam as tardes quentes de verão costumo costurar as minhas meias furadas.

Agora preciso ir. Mande-me notícias. Tenho que preparar o jantar para uma pessoa só, como é

triste, sentar-me à mesa sozinha todas às noites. E lembrar que em anos passados a casa era cheia de cupins que se metamorfosearam gente em mim.

Um abraço, Rosângela Trajano.





Bartolomeu Campos de Queirós -

se faladas, são melodia;
somadas, fazem novo dia.

Com Saudade,
se despede a Ana

Querido Mateus!

Palavras que amamos
tanto, há muitos anos,
dormem no dicionário.
Hoje tirei do sono três
palavras para dar de
presente a você: livre,
terra e irmão. Quando
escritas, lê-se poesia;

*(in Livro Correspondência, de
Bartolomeu Campos de Queirós,
1995)*



VIA AÉREA
PAR AVION

SELO



OLX 0309-2d

FAZER UM POEMA...

Fazer um poema é como
 construir uma casa
 - a própria casa do poeta -
 onde ele poderá receber
 seus velhos amigos e os amigos novos
 que, no decorrer dos anos,
 forem aparecendo para
 um encontro com a Poesia.

Mano Quinteros

Apple

MEMORANDUM

To: Mark
 From: Werr down

Date: any time
 Subject: to be continued

Dear Mark
 I knew you didn't want to ask
 us to the party! - we could read your
 face/mind, we felt as bad as you!
 about it? please don't worry about it.
 - i might find an old amplifier for
 you - you're a sensitive guy so we
~~know~~ understand,

See you on the roof
 love



carta de John Lennon a seu vizinho Marc

(garoto de 12 anos)

Para: Mark

Data: qualquer uma

De: vizinho ao lado

Assunto: para ser retomado

Querido Mark,
Soube que você não quer nos convidar para a festa! - lemos isso no seu rosto/mente, nos sentimos tão mal quanto você! sobre isso?!
Por favor, não se preocupe com isso - talvez eu encontre um amplificador antigo para você - você é um cara sensível e a gente compreende,
Vejo você no terraço da cobertura.

Com amor

John & Yoko

Dear Steve Tiltan + Richard Howell

Being rich doesn't change your
experience in the way you think.

The only difference basically
is that you don't have to worry
about money - food - roof - etc, but
all other experiences - emotions -
relationships - are the same as
anybody's, I knew, I've been
rich and poor, so being yoko (rich-
-poor - rich) so whatya think
of that.

love

JOHN + YOKO

1570 - -





Tudo no mundo começou com um "sim".
Uma molécula disse sim a outra molécula
e nasceu a vida.

(Começo do livro)

BRAZILIAN EMBASSY,
32 GREEN STREET,
W 1.

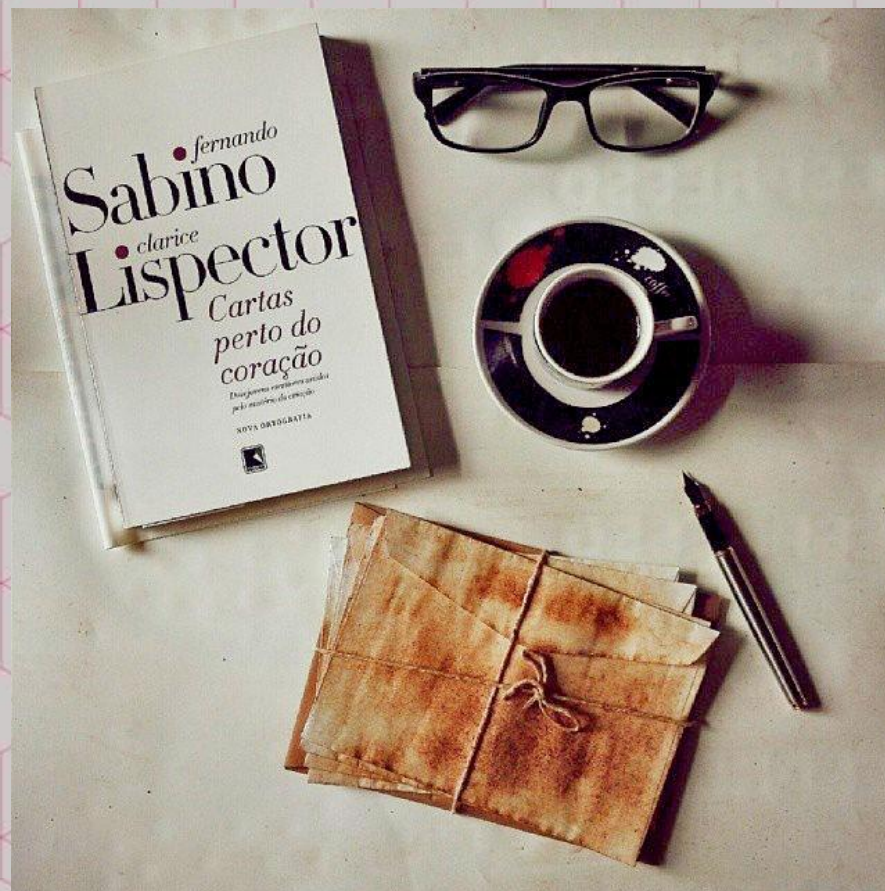
Londres, 14 de Outubro de 1964

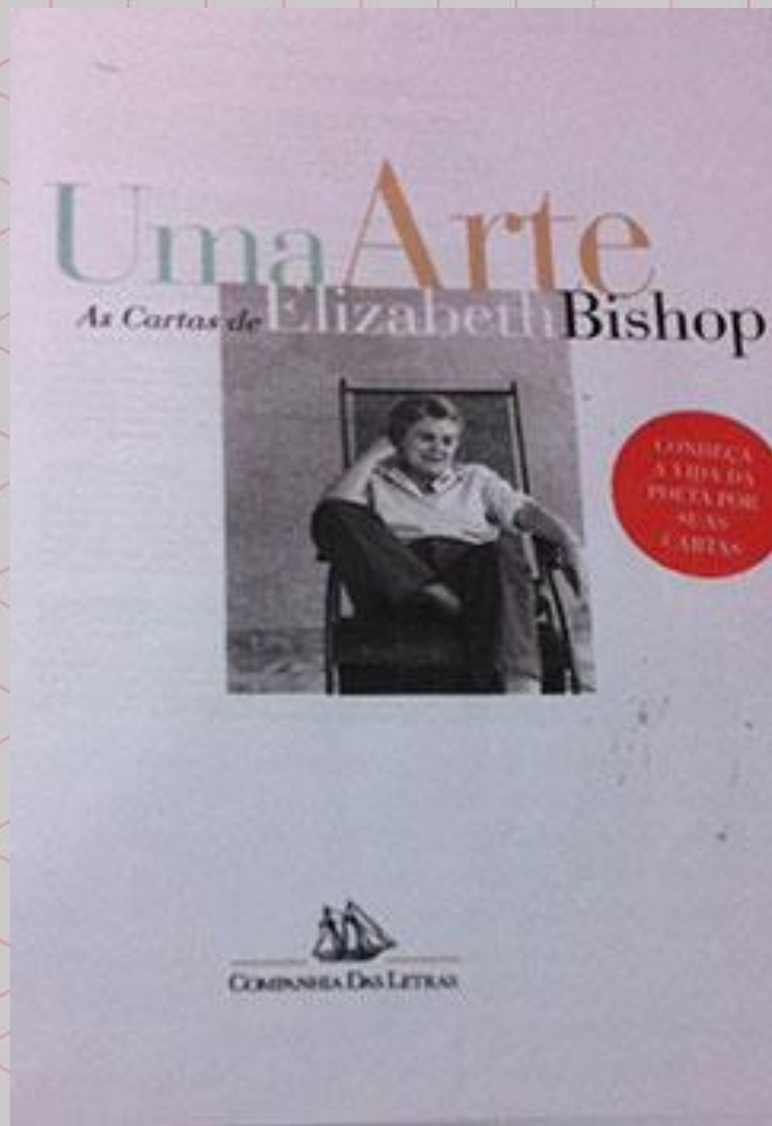
Meu caro Antonio Dinlo:

Posso enfim lhe escrever para dizer que já estou com a sua escultura em meu poder, depois de várias providências burocráticas para desembaraçá-la. É realmente uma belíssima peça e tenho de resistir muito à tentação de ficar com ela para mim. Mas não se assuste, já está devidamente condicionada para remessa, e agora aguardo suas ordens. Pela Pansair, com aproximadamente oito quilos inclusive embalagem (precisou de uma caixa grande) ficará em torno de 50 dólares, ~~taxas~~ e não fazem a cobrar, tem de ser pago aqui. Talvez você prefira aguardar, ou tenha um portador - neste caso haveria talvez o problema de excesso, se for como bagagem. Enfim, mande instruções, que terei o prazer em providenciar a remessa, cuja demora corre por conta dos entraves alfandegários britânicos. Se quiser que despache via Panair, pode enviar o pagamento diretamente a ordem da Panair do Brasil, 29 Bond Street, W London W-1, England, a/c Mr. Frank Eubli - se houver pequena diferença lhe comunico.

No mais, continue contanto sempre comigo aqui, e receba um abraço amigo, extensivo à Zora, do seu

Fernando Sabino





ELIZABETH BISHOP F.456 CO-882
CAIXA POSTAL 279
PETRÓPOLIS, ESTADO DO RIO DE JANEIRO
April 7th, 1958

Dear Portinari:
I'm writing this note to send down by
Rosita to tell you how sorry I was to hear of
your father's death. Rosita has told us
several very nice stories about him. I am very
fond of those paintings of yours of the children
playing in the vacant spaces in Broadway (?)
and somehow I associate your father, and you
as a child, with them -

John & I would love to have you call
on us here sometime if not you take a day off
from painting.

Sincerely yours,
Elizabeth.

Tuas Cartas

Caixa Postal 279, Petrópolis
Estado do Rio de Janeiro, Brasil
July 24th, 1959

Dear Miss Pettinella:

I am sorry to be so slow about answering your letter; I was spending three weeks in Rio and all my mail was waiting for me in Petrópolis. (If you have been to Brazil you will probably understand this situation very well!) Thank you for letting me see The Monument in Italian. I don't ~~know~~ Italian but from my knowledge of Portuguese and Spanish I can make out quite a bit, I think. The translation sounds beautiful and you have followed the original very closely. I know how hard it is to translate poetry. The few pencil notes I have made in the margins are just to question one or two words I felt a bit dubious about - I may be quite wrong, of course, or you may not have anything closer in Italian, so please do not think I am attempting to correct you, which would be very silly of me -

The magazine in which I have had one poem that I know about, and perhaps by now two or three more, published in Italian is: Nuova Corrente, Genova, Piazza A. Manzoni, 5. The "Direttore" ^{now} is Mario Boselli. Among the "Redattori" is Alfredo Rizzardi, who is the only one I've had any dealings with and who did the other translations of my poems. His address is Via Mengoli 5, Bologna, and he seems to be teaching at present at the Univerita Degli Studi in Bologna. In a letter I had from him in April he says he has translated The Fish and Roosters and he was going to read them on the Italian R.A.I. and then use them in an Anthology of American Poetry to be published in Milano, by Schwartz (?) - I can't quite make out the word. It occurs to me that perhaps he might like to use your translations, or one of them, for that - if it's not too late. At any rate, he is very interested in American poets and seems to devote a lot of time to translating them and publishing them, and the magazine, the one copy I've seen, is very well-done. In 1956 or early 1957 there was a number devoted to Pound, and I have a long poem in that, in both English and Italian.

I am perfectly willing to have you publish your version of The Monument - if he hasn't already done so, by some chance - but I don't think he has. I'd like to see the Map, too. (I also corrected the quotation marks and paragraphing a bit - to keep the dialogue clear.) Perhaps you'll let me know which Italian magazines you consider the best ones now - I'd like to know for a young Italian poet friend here. - (and still you think of Nuova Corrente -)

I've been living in Brazil for almost eight years, mostly up in the mountains near Petrópolis; I get back to New York when I can but this is really my home now. As you know, it is a strange country, a mixture of the 18th and 19th centuries and rapid industrialization, awful poverty, luxury, black and white, the up-to-date and the primitive - I am still suprised to find myself living here, but I keep right on -

yours faithfully,
Pyralid Bishop.

ŒUVRES COMPLÈTES ILLUSTRÉES

DE

GUSTAVE FLAUBERT

CORRESPONDANCE

Texte révisé et classé par M. René DESCHARMES.
Portraits gravés sur bois par M. Achille OUVRE.

TOME II
(1855-1870)

ÉDITION DU CENTENAIRE

PARIS
LIBRAIRIE DE FRANCE
110, BOULEVARD SAINT-GERMAIN, 110

1928

Universitas
BIBLIOTHECA

à Hugo

Monsieur & Mes Maîtres

J'ai reçu, il y a quelques jours seulement,
l'Homme qui rit. c'est pourquoi je ne vous en
ai pas remercié plutôt.

Je vous en devrais peut-être m'a coulé d'orgueil.
Je ne pourrais pas l'isolera jusqu'à
me permettre de vous envoyer les hommages
de mon admiration

Quand vous apparaissez, on le prosterne -
Je suis, ô Maîtres

Votre très humble, très affectueux & dévoué

Gustave Flaubert

Croisset près Rouen. 10 juin 67.

Carta-agradecimento de
Flaubert a Victor Hugo

Carta de T.S Eliot a Virginia Woolf

[Ac. 11, 985]

Virginia

Red river, red river,
Slow flow heat to Silence
No with is still as a river
Still. Will heat move
Only through the mocking-bird
Heard once? Still hillo
Wait. Gates wait. Purple bees
White bees, wait, wait,
Delay, decay. Living, living,
Never moving. Ever moving
Iron thoughts came with me
And go with me:
Red river, river, river.

T.S. Eliot

1959.

From hell

WR
Sov

I send you half
I took from one woman
it for you to other piece
at it was very nice



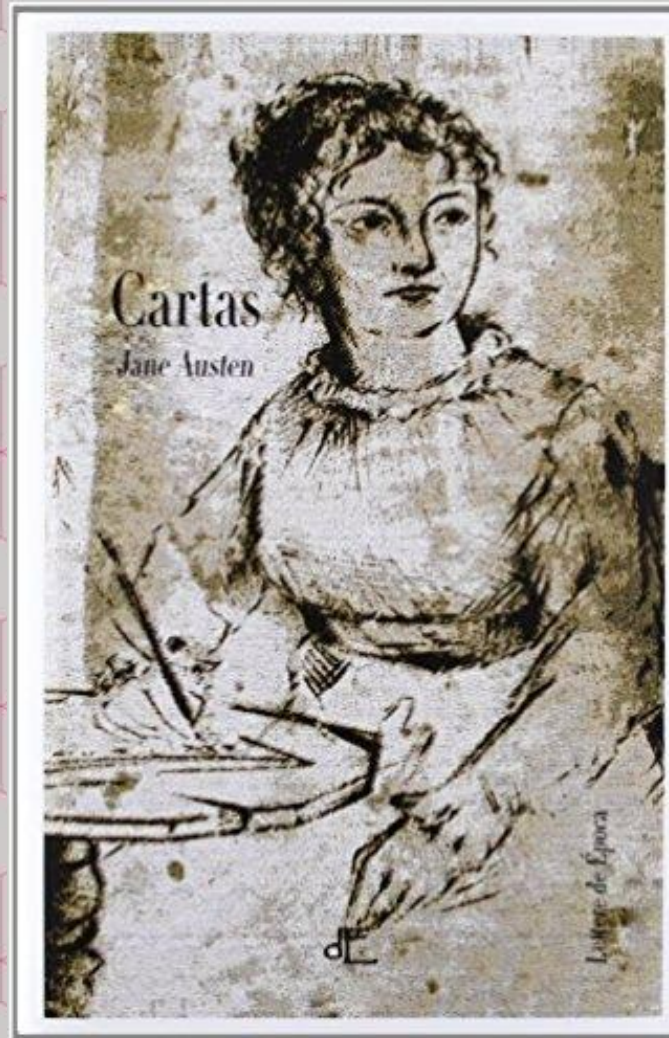
Tea & Book
con **JANE AUSTEN**
PERSUASIÓN

10 de diciembre
17h o'clock

Dress code: British Style
Plazas limitadas

 Cervantes  FORO ABIERTO


www.depoca.es





*Edwin Cummings Woodman
1857-2012*

Jane Weston

Jane Weston

Cartas

Pr

Jane Weston



*Edwin Cummings Woodman
1857-2012*



eléctri(cité): impulsos literários e outras ondas #2

CARTAS SAGRADAS EM MINHAS TÊMPORAS

poemas de

LEONARD COHEN

NICK CAVE

W.H. AUDEN

EMIL CIORAN

GARCÍA LORCA

JULIO CORTÁZAR

com

TAVINHO PAES

BRUNO MORAIS

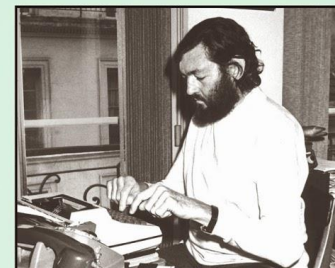
RODRIGO CARNEIRO

20.10.16 **QUINTA** 19h

Balsa

apoio:
HENDRICK'S
GIN

C JULIO R CORTÁZAR



Cartas
1977-1984

Edición a cargo de
AURORA BERNÁRDEZ y
CARLES ÀLVAREZ GARRIGA

5

ALFAGUARA

BIBLIOTECA CORTÁZAR



13 Richmond Avenue ³²⁹

Fairview, Dublin

Joyce

April 28. 1900

Dear Sir

I wish to thank you
for your kindness in writing
to me. I am a young Irishman,
eighteen years old, and the
words of Ibsen I shall keep
in my heart all my life.

Faithfully Yours

James Joyce

William Archer Esq.

Southampton Row.

London.

Carta de James Joyce

5 Joyce

MS pages

A Portrait of the

Artist

and

Ulysses

given to Sylvia Beach by
Walter Joyce and given by her
to me May 1949

H.S. Cleaver

Photostat all
of the 5 pages
made May 1952
Copy to W. S. Spencer
" " " City
Negative I kept

36

iii

δρόμα με εννεα μόρια τεταρτοβάθμιας ως μέλη των



VEDETTE DISQUES POLYDOR

*a
M^r. Bien aimé
avec toute mon
amitié
L. M. Piaf*



MADS



LA MÔME PIAF

Glorias



DOCUMENTOS RAROS
AVALIAÇÃO - COMPRA - VENDA
WWW.GLORIAS.COM.BR

sur cette



Mais moi je trouve ce que tu fais...
Je ne sais pas ce que tu fais...
Mais moi je trouve ce que tu fais...
Je ne sais pas ce que tu fais...

Mon adoré
Quelle fille stupide
s'est fait devant
et un part, de
qu'elle qui se
fait la...
mon adoré

EXPRES



Monsieur Louis Perard
Poste Restante
Bureau central
Suresnes. Sur mer
Calvaud

M^{me} Ma Merve
me ou bon he
amour Eternel

Marseille le 16
Mon amour mon amour
de sa croquer le téléphone, et
sincèrement tout ce que tu viens
oh mon chère, merci pour le
bonheur que tu me offres,
mes yeux ni mes oreilles
tout petit ange aimé,
donner les selons
ins, Dieu me
je...

Toi mon amour

Pourquoi ressembles tu a un ange?

Pourquoi as tu réveillé ma chair?

Pourquoi je t'aime tellement? que m'as tu fait?

Pourquoi maintenant mes mains cherchent elles ton corp?

Pourquoi ai je toujours envie d'être sous toi sur toi a toi?

Pourquoi la nuit & ai je envie de vrier tant ma peau a
besoin de la tienne?

Pourquoi ne puis plus dormir?

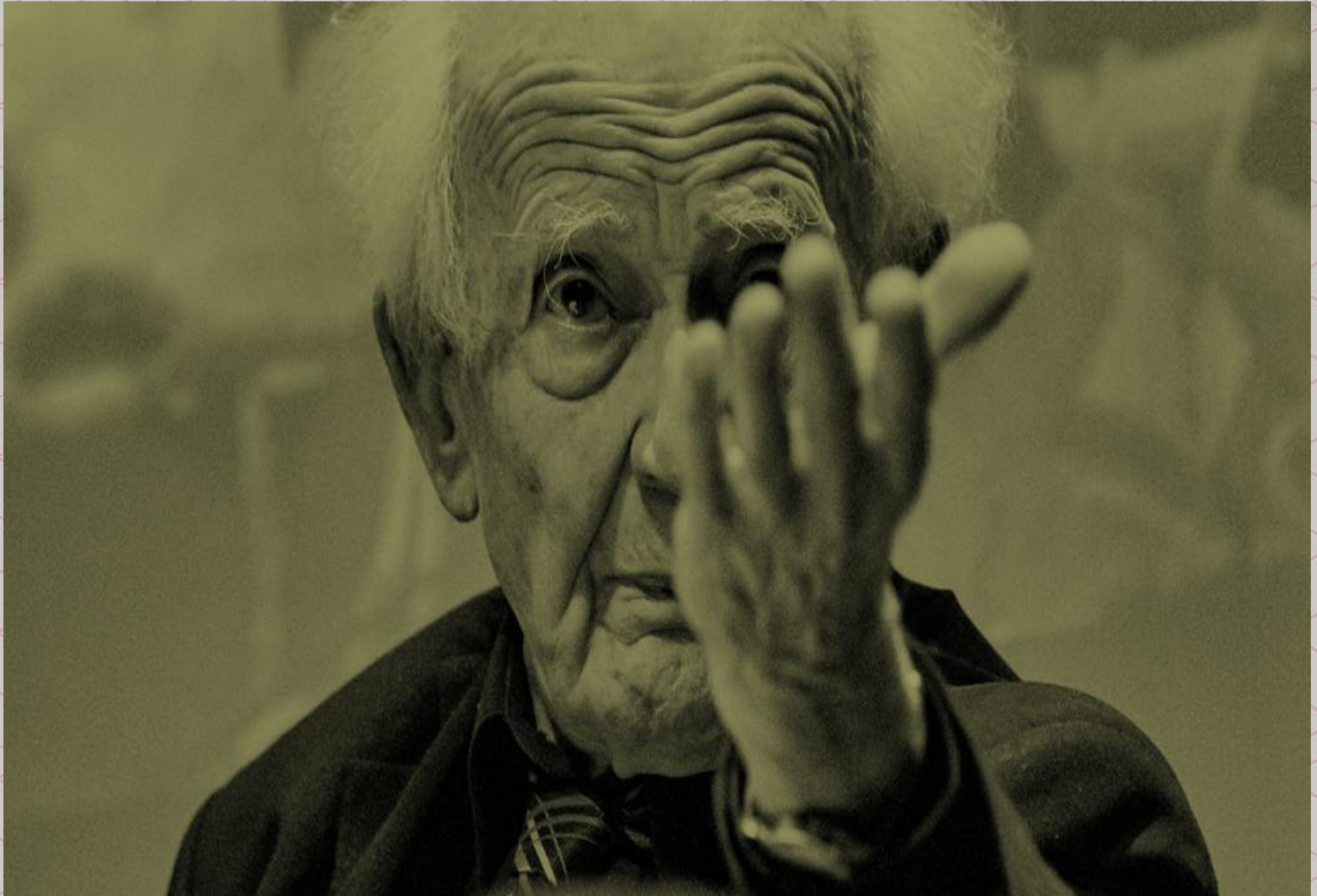
Pourquoi m'as tu fait connaître l'amour?

Pourquoi me domines tu de tout toi?

Pourquoi ne puis je vivre sans toi?

Pourquoi ai je besoin de ton odeur; de ta voix pleine
d'amour?





Zygmunt Bauman

44 CARTAS DO MUNDO LÍQUIDO MODERNO



JORGE
AMADO
JOSÉ
SARAMAGO
COM
O MAR
POR
MEIO
UMA
AMIZADE
EM
CARTAS



COMPANHIA DAS LETRAS



CARTA PARA JOSEFA, MINHA AVÓ

José Saramago



Tens noventa anos. És velha, dolorida. Dizes-me que foste a mais bela rapariga do teu tempo – e eu acredito. Não sabes ler. Tens as mãos grossas e deformadas, os pés encortiçados. Carregaste à cabeça toneladas de restolho e lenha, albufeiras de água. Viste nascer o sol todos os dias. De todo o pão que amassaste se faria um banquete universal. Criaste pessoas e gado, meteste os bácoros na tua própria cama quando o frio ameaçava gelá-los. Contaste-me histórias de aparições e lobisomens, velhas questões de família, um crime de morte. Trave da tua casa, lume da tua lareira – sete vezes engravidaste, sete vezes deste à luz.



L. S. ...
Circular postmark
773007
10000

501
60
12
60

60
25
11
12

773007
10000
Cyrillic handwriting
Ирина

**Porto Alegre, 4 de março de
1970**

Hildinha, acabo de receber a tua carta. A demora não me surpreendeu: eu sabia que devias estar muito abatida com a morte de Lupe. Eu próprio fiquei muito chocado, não sabia que ela estava doente. Aliás, aconteceu uma coisa mais ou menos estranha antes de eu saber que ela havia morrido: uma noite, conversando com um amigo meu, sem motivo aparente, comecei a falar sobre ela, que era muito amiga tua e de Lygia, boa poeta, muito bonita, etc. Fiquei horas falando, quando voltava para casa comprei o jornal e lá estava a notícia. Senti como nunca a precariedade da existência humana. Ela estava aí, escrevendo, ganhando prêmios — e de repente já não está mais. Não consigo aceitar nem compreender isso; não consigo sobretudo deixar de pensar que a mesma coisa pode acontecer daqui a pouco comigo ou contigo. As coisas realmente não andam boas. Parece que quando tudo começa a degradingolar não há o que segure. Primeiro no plano político: a portaria do Ministério sobre censura de livros me deixou besta. Não pensei que chegássemos a tanto, é a degradação completa, o medievalismo e a inquisição reinstaurados. A seguir, a

perseguição dos hippies, como se fossem criminosos ou cães hidrófobos. Cada dia, quando abro o jornal, tenho um novo choque e uma revolta que se acumula e, logo após, uma terrível sensação de inutilidade. A. K. está preso em São Paulo: invadiram o Gigetto e o levaram, por tráfico e consumo de LSD. O grotesco da história é que nas chamadas “leis” não existe nada sobre LSD. Porto Alegre sempre foi uma cidade nazista, cheia de grupos de defesa familiar e coisas do gênero: tudo isso repercute aqui da maneira mais alvissareira (do ponto de vista deles) possível. Os lugares onde eu costumo ir, bares onde se reúne gente de teatro e outros desgraçados, estão cheios de espões — não se tem a menor segurança para falar sobre qualquer assunto menos “familiar”. Outras notícias igualmente más: logo depois que meu primo foi embora, o pai adoeceu gravemente. Veio o médico e deu aquele susto em todo mundo: tuberculose ou câncer no pulmão. A mãe ficou baratinadíssima, chorando pelos cantos. Ele está em observação, parece que a hipótese do câncer está afastada — resta a outra. Eu também estou doente, desde sábado. Passei um dia inteiro com febre de quase quarenta graus, delírios e coisas assim. O médico achou que fosse pneumonia, mas como os remédios que tomei fizeram efeito, acho que não

passa de uma gripe muito forte. A dor nas costas foi insuportável. Agora passou um pouco, estou meio sobre o deprimido, sem vontade de nada, perdi dois quilos nesses dias.

Quanto ao livro⁴, não soube nada. Creio que vou ter mesmo que pagar a edição — mas me revolta a idéia de ter que submeter os originais à censura, obviamente grossa e sem condições para julgar sequer J. G. de Araújo Jorge. Para aproveitar os dias de cama, tenho lido bastante. Comprei o livro de contos daquela moça da Folha, Alcione T. Silva, Flashback dimensão de memória — um lixo total; o que ela chama, muito mario de andrademente, de contos não passa de um amontoado de frases pseudo-intelectuais, tudo sem a menor unidade, sem sequer dimensão ficcional. Li também Ninguém escreve ao coronel, do García Cem Anos de Solidão Márquez, pareceu-me não ir além de um negócio de consumo, raso, gostoso de ler. Mas só. Falta linguagem. Agora estou relendo os contos da Mansfield, Felicidade (Bliss), e descobrindo mais coisas. A mulher foi sem dúvida uma grande contista, seu único defeito é um certo feminismo. Mas adoro. E me identifico tanto com ela. Sofri a morte da Preta. Mas tu podes estar certa que, no que depender da minha lembrança, ela ficará para sempre

naquele limbo gostoso para onde os animais vão. Deve ser bom para ela, lá. Mais do que aqui. Agora já não tenho filha, estou de novo sozinho.

Recebi uma cartinha da Myriam Campeilo, escrita em Teresópolis, da casa da Nélida. Estão ambas revoltadas com a censura, embora eu ache que a Nélida não tem nada a temer. Pergunta por ti na carta, gosta muito de ti. Acho que o casamento da Maria com o Apolinário foi um negócio acertado. Tenho certeza que ela vai ficar menos neurótica, menos insegura. E muito provável que já tenha descoberto que existem coisas mais sérias e mais problemáticas do que lecionar História, O que me contas da Ana também é ótimo, esse negócio de viajar vai-lhe proporcionar coisas maravilhosas. Fico feliz por ela, só espero que não pretenda largar o teatro.

Obrigado por teres feito a minha propaganda para o Thomaz Souto Corrêa, é ele quem manda e desmanda na Cláudia. Eu o conheci por intermédio da Carmen da Silva, já tinha certos preconceitos contra o cujo por causa de certos contos monstruosos que ele andou publicando, e pareceu-me um pouco sobre o mau-caráter, como todos os “por cima” da Abril. Ainda não li o Fundador da Nélida, só olhei por cima na casa do Carlos Jorge Appell, que estava irritadíssimo com o que chama de “falta de

espaço” das coisas de la Pifion. Segundo ele, as personagens dela parecem fantasmas se movimentando num lugar todo branco e sem forma. Alias, no prefácio do Tempo das frutas a Maria Alice Barroso aponta isso como uma qualidade — mas todos nós sabemos que a Maria Alice é uma boa besta, talvez por isso mesmo esteja na presidência do Instituto Nacional do Livro. Gozado é que olhando o livro lembrei que a Nélida havia se referido com desprezo às capas sem desenho, somente com letras, falando também que prefácio não dava mais pé. Pois bem, o Fundador tem uma capa só de letras e um prefácio enorme da Eliane Zagury, tradutora dos Cem anos. Sabe, não quero te desanimar nem nada, mas acho que as tuas novelas não passarão na censura — pelo menos o Osmo. Nas outras novelas, as coisas todas são menos evidentes e a censura-teresinha não é inteligente ao ponto de descobrir essa dimensão. No Osmo as intenções agressivas e desmistificadoras se expressam a partir da própria linguagem, isto é, qualquer um percebe. Até a censura. Se isso que estou prevendo acontecer, por favor, Hildinha, não te abaixa, não faz correções no texto, não corta os palavrões. Espera que tudo mude, ainda que isso não aconteça antes de 20 anos. Eu estou confuso, achando que submeter originais à censura é compactuar

com ela. Fico pensando se não seria melhor todo mundo desistir de publicar coisas, guardar os seus calhamaçoelhos nas gavetas. Acho que qualquer publicação “liberada pela censura” será, a priori, considerada como a favor do regime. Horrível, não? Não seria esta a hora exata dos escritores se reunirem e tomarem uma posição rígida e irreversível? O problema é que não existe classe mais calhorda, mais desunida — desse ponto de vista, o pessoal do teatro é bem melhor, talvez porque o próprio teatro seja coisa de equipe, não sei. A nossa antologia, que sairia em março, não sei como está: será doloroso se for trancada, pois a gráfica está quase concluindo o serviço; por outro lado, será igualmente horrendo se for liberada — o que pressupõe que será inócua e não pervertedora dos costumes e da moral da tradicional família. Por aí tu vês como estou confuso, o meu consolo (nem tanto) é que suponho que todo mundo deve estar na mesma. Felizes são os que estão fora daqui: recebi do Maciel uma carta enorme contando maravilhas da Europa. Ele está muito bem, com dois convites para exposições, uma em Londres, outra em Paris, preparando trabalhos para a Bienal de Veneza. Mas não quer mais nada com a Espanha, pensa em se mandar muito brevemente para

Londres, Paris ou Roma. Outra coisa interessante que ele conta é a respeito dos convites de homossexuais ricos e velhos a turistas americanas igualmente velhas e ricas para viver com os cujos. São vidrados nos latin-lovers. Os nomes europeus que ele cita na carta, os lugares, as perspectivas — tudo isso mexe com a minha imaginação, com o meu “ser nômade”. Morro de vontade de escapar mas, pelo visto, isso jamais será possível. Não tenho e nunca terei dinheiro, bolsas de estudo são coisas que acontecem somente aos outros, nunca a mim. Turistas americanas não existem em Porto Alegre, no máximo umas uruguaias e argentinas muito rastaqüeras. Mesmo a São Paulo ou ao Rio creio que não terei oportunidade de ir durante muito tempo. Isso aqui é uma espécie de exílio. Com essa maré toda contra, não tenho escrito absolutamente nada. É terrível. Tu sabes como é, a gente fica pensando aquela porção de coisas destrutivas, que nunca mais vai conseguir, que secou completamente, etc. Tenho algumas idéias, várias anotações, tudo meio caótico e super desorganizado — mas acho tudo pálido, tudo insuficiente e inútil nesse momento que a gente está vivendo. Ando me sentindo ex-escritor, ex-amigo de qualquer pessoa, ex-gente — me lembro sempre de teus versos (teu livro está sempre na minha cabeceira, sempre

leio coisas antes de dormir, às vezes gravo, outro dia eu e um amigo fizemos um recital inteiro dos teus poemas, a boneca terminou em prantos): “Iniciei mil vezes o diálogo. Não há jeito. Tenho me fatigado tanto todos os dias vestindo, despindo e arrastando amor, infância, sóis e sombras”. A verdade é que não me sinto capaz de nada. Não é fossa. Fossa dá idéia de uma coisa subjetiva e narcisista. São motivos bem concretos, que inclusive transcendem o plano pessoal. E tudo tão insolúvel que a gente só pode fugir, porque ficar não adianta nada. A minha maneira de fugir, tu sabes, é dormindo. Andei dormindo até quinze horas por dia, durante quase duas semanas. Nos contatos que tenho com gente da minha geração, ou de outras, mas unidos pela mesma lucidez, percebo de maneira intensa a mesma sensação de abandono e de inutilidade. Sobretudo de impotência. O consumo de drogas como meio (ótimo) de alienação e como meio (falso) de libertação é uma coisa incrível, assustadora mesmo. A maconha rola em Porto Alegre, as “picadas” também, agora descobriram mescalina em Santa Catarina e uns conhecidos meus, pintores, estão fazendo tráfico e vendendo para toda a “classe artística” de PA. Eo mais assustador nessa estória de drogas é que são consumidas justamente pela parte mais esclarecida

da população, pelos que poderiam fazer alguma coisa, Os outros, as camadas mais baixas, têm a televisão, as novelas, as revistinhas de amor. Eu tenho o sono, talvez a fuga mais saudável, se bem que igualmente desesperadora.

Sei que vais te preocupar com esta carta, mas eu não poderia escrevê-la de outra maneira. Se essas coisas não são boas de serem lidas, não são também boas de serem escritas. A verdade é que tudo está muito duro para todos nós. E a verdade ainda mais insuportável é que somos justamente nós os culpados: a situação não teria ficado assim se esse rebotalho humano oficialmente conhecido como “povo brasileiro” não tivesse permitido, desde o início. Sabes qual é a imagem que me vem à mente quando penso nisso tudo? É assim: o Fascismo, um sujeito enorme, peludão, gênero estivador, botando na bunda do Povo Brasileiro, um sujeitão magro, pálido, subdesenvolvido e preguiçoso como Macunaíma. No começo o Povo Brasileiro deixa, por preguiça, só um pouquinho não faz mal, por medo de levar porrada e, mesmo, no começo não dói muito. Mas acontece que o Fascismo tem um SENHOR pau, e não se contenta em botar um pouquinho, quer empurrar tudo. E vai empurrando cada vez mais. O Povo Brasileiro começa a se

sentir incomodado, pensa vagamente em reclamar, mas conclui que, afinal, homossexualismo é uma coisa válida e se tantos suportam (pensa rapidamente no seu amigo Povo Espanhol, que virou bicha louca) ele pode também suportar. Aí, de repente, o Fascismo empurrou tanto que não é mais possível tirar. Ficou entalado. E goza trezentas e quarenta e cinco vezes seguidas enquanto o Povo Brasileiro morre de hemorragia anal. The end.

É só, Hildinha, não sei quando mandarei a carta porque não posso sair de casa. Carinhos mil para o Dante, para Edina e A casa, para todos os cachorrelhos, Papéti, Maria Preta e demais dependentes. Todo o carinho do sempre teu

Caio F. Abreu

Porque tu sabes
que é de poesia
minha vida secreta...
Hilda Hilst







A Papito conchita ya Isabelita

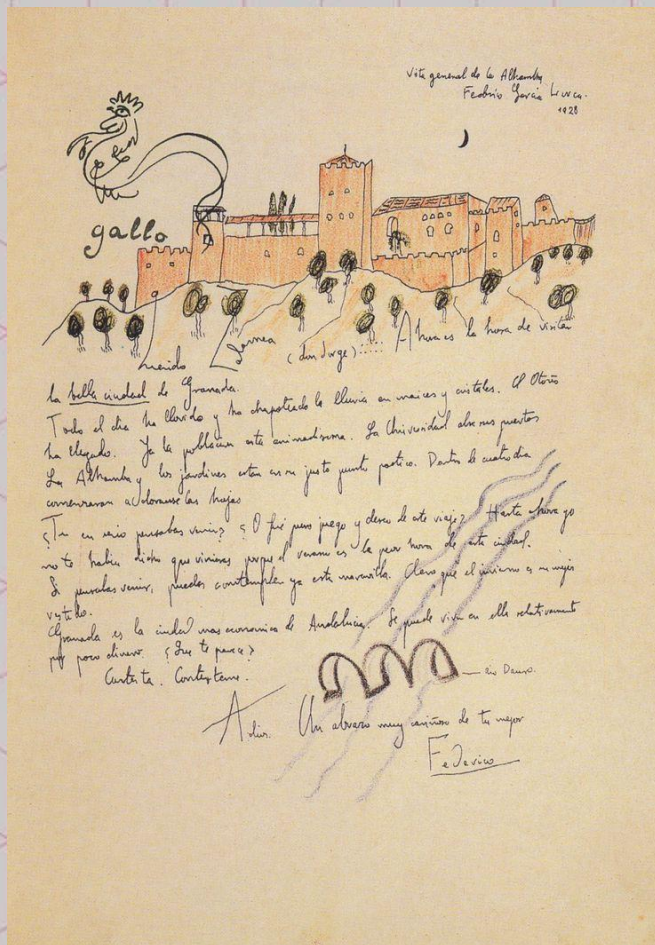


Federico

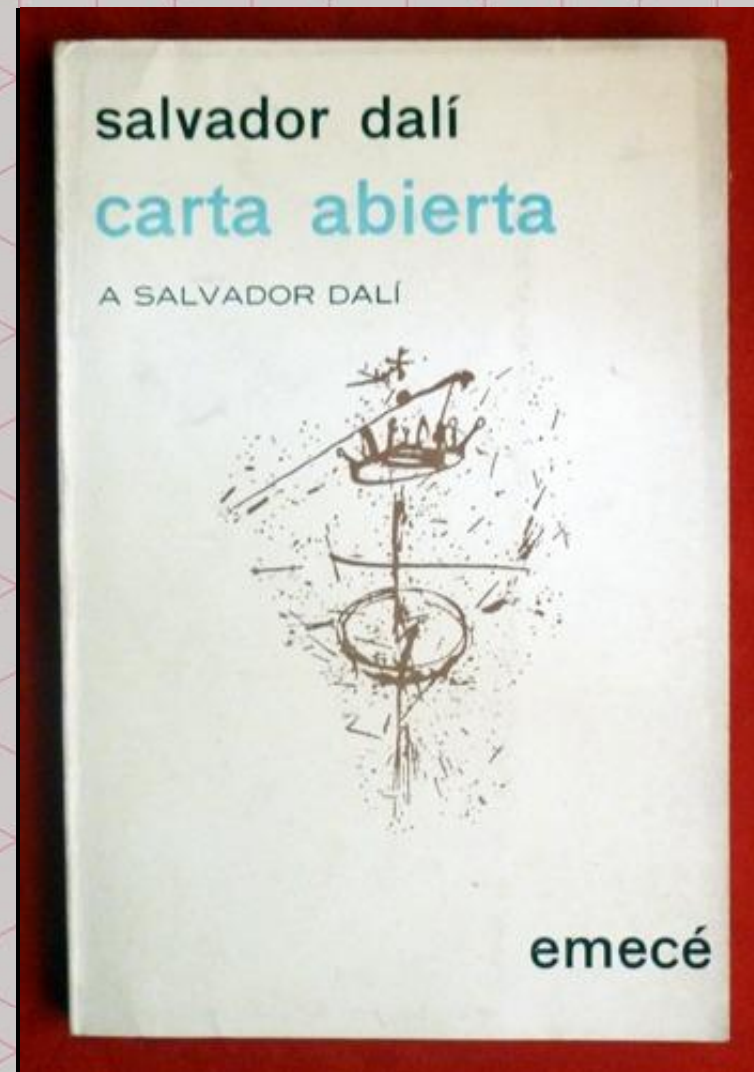
Bernardo del Tercer Barco

Salvador Dalí

Salvador Dali & Garcia Lorca



CARTA DE GARCIA LORCA



TARJETA POSTAL



Federico: Te
espero cada día
tenemos que no
hablar tanto juntos!

Adios Dori

J. Fort. F. Granada - España

S. D. Federico Vozia
Lorca

(noctas)
Acera del Casino

Granada



Para la prodigiosa Antonia Merce.
Con el cariño y la ardiente admiración de
F. S. Ferrer y Julia Larca.

CARTA ÀS CANGAPARAS

Quem anda mais lenta, tartaruga, a preguiça ou a formiga? Tartaruga tu parece que é priminha da preguiça. A menor tartaruga do mundo adora tomar banho. O casco de tartaruga parece capacete de militar, canoa de índio, ou melhor, casa de pedra. Antigamente, o casco era usado para fazer armações de óculos. O tartarus do dente vem da palavra tartaruga. Cabeçuda é uma tartaruginha vaidosa que rasteja o cascão no gramado e dorme o dia todo. Tartaruga só olha para frente, adora procurar caranguejos que andam para trás. Alguns botam a cabeça lentamente para fora de si mesmo; andam

lentamente sem colocar a cara fora da casca. Gostam de carinho. Dizem que é frágil e medrosa. Tartaruga vive trezentos anos. O tempo de deus anda de tartaruga.

Tânia Lima.



Jon GRAHAM
Chez Collage
21 Rue Charles Floquet
94400 VITRY-SUR-SEINE
FRANCE



T-90/700 55c



MARIO CESARINY

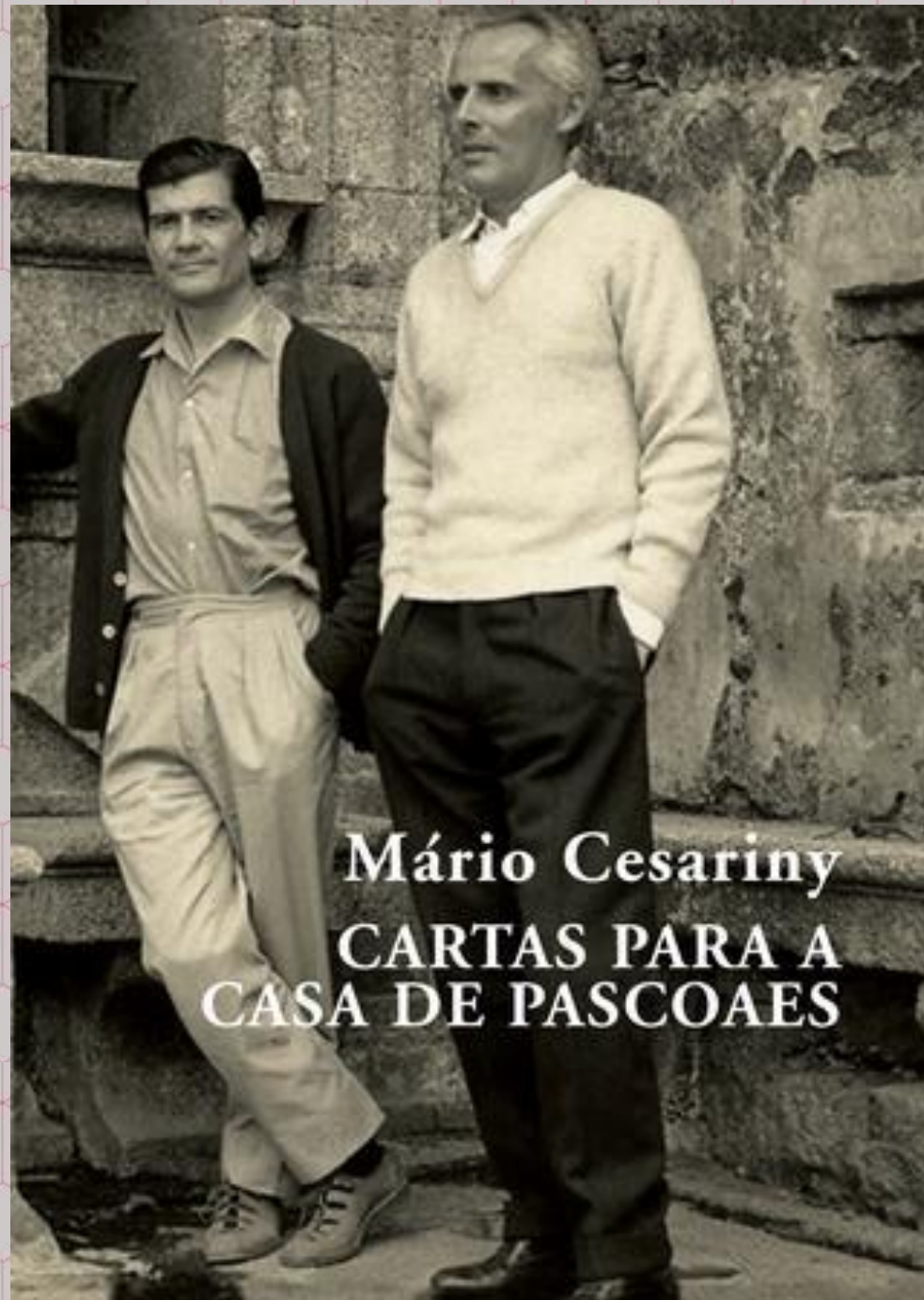
RUA BASILIO TELES 6 2º D to

LISBOA 1000

PORTUGAL

1750





Mário Cesariny
CARTAS PARA A
CASA DE PASCOAES

CORRESPONDANCE GÉNÉRALE DE
MARCEL PROUST
PUBLIÉE PAR ROBERT PROUST ET PAUL BRACH

- 4 -

LETTRES

A

P. Lavallée - J.-L. Vaudoyer
R. de Flers - Marquise de Flers
G. de Caillavet - Mme G. de Caillavet
B. de Salignac-Fénelon - Mlle Simone
de Caillavet - R. Boylesve - E. Bourges
Henri Duvernois - Mme T. J. Gueritte
et Robert Dreyfus

PARIS
LIBRAIRIE PLON

5^e mille

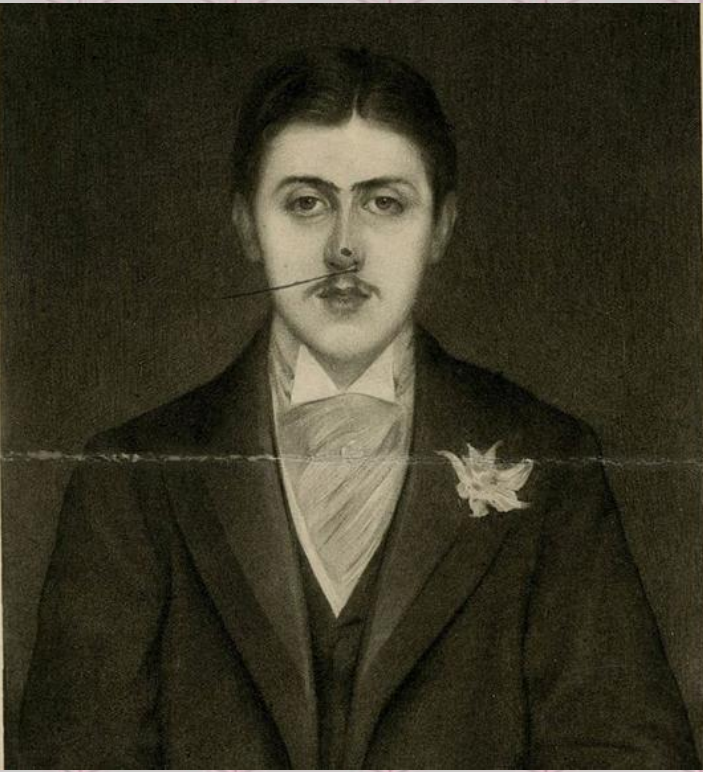
124

1

Chère Madame Straus
Nous avons trop peur ensuite
à la guerre pour que nous ne
nous disions pas au soir de la
victoire un tendre mot, joyeux
à cause d'elle, ni l'angoisse à
cause de ceux que nous aimons
et qui ne la verront pas. Quel
merveilleux effroyable geste dans la finitude
après les lettres infécondes de d'Est et de

répète comme
tous auris dit
le Fils de l'
Aristin ou le
Fils de Tabarin.

Et de même par ^{danis}
ces mots, ^{je n'}
de ma personnalité, ⁿⁱ
je me sentais ^{ce}
disposée ^{me}
de moi identique ^{non}
et



volation
undable telle,
à la veille
de départ pour
Bresse, mar-
chais, honte-
carle, grand des
conversations
entre nous (de
très grands écrivains
avaient besoin de
la première
morale à



Pour Madame Claude Boyer & Marx.

Ouvrier qui a
fait d'après Marcel Proust un
lit de mort.

En hommage et en souvenir de l'affection que vous avez pour lui.

A. Dunoyer de Segonzac.

Meu mundo

À minha bençoa querida.

*Eu bebo a Vida, a Vida em longos tragos -
Como um divino vinho de Falerne,
Poisando em ti o meu canção eterno
Como poissara as folhas sobre os lagos! -*

*Os meus sonhos, agora, são mais vagos...
O teu olhar em mim hoje é mais feroz...
E a Vida já não é o rubro inferno
Tudo fantasmas tristes e presagos! -*

*A Vida, a Vida, Amôr quers vive-la!
Na mesma taça erguida em tuas mãos,
Béias unidas hêmbos de bê-la!*

*Que importa o mundo e as ilusões defuntas?...
Que importa o mundo e seus orgulhos vanos?...
O mundo, Amôr?... As nossas béias juntas!...*

Bela

lx 2.6-1920.



CARTAS
DE
FLORBELA
ESPANCA

A DONA JULIA ALVES
E A GUIDO BATTELLI

COIMBRA
MCMXXXI

LIVRARIA GONÇALVES — Editora
RUA S. JOÃO, 60



Congo Belge

Carte Post

N 10/16



Correspondance - Briefwissel

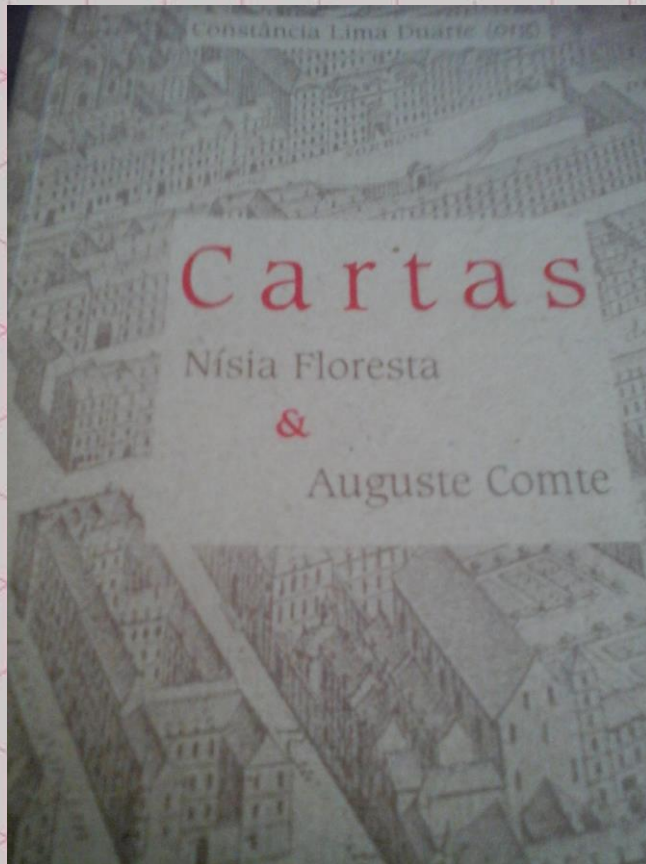
Estou em Boma
 onde tenho visto
 maravilhas. Estavam
 preparadas lindas festas
 em nossa honra mas o
 nosso pobre comandante
 faleceu ontem. Espero
 de esse que todos estejam
 de saude. Escreve para
 Joana. Saudades do
 Antonio e muito abra
 cos para Ti do mano
 Patife Aires

meu Sr

W. Florbela Guimaraes
 Rua da Betesga n. 57 e 9

Lisboa

Portugal



Paris, sábado, 29 de agosto de 1867.

Minha Senhora,

Li ontem a sua digna efusão e experimento esta manhã a necessidade de agradecê-la cordialmente. É o complemento duradouro da primeira homenagem feminina prestada até agora àquela que, por mim, regenera o seu sexo, à casta inspiradora que tão bem merece a sentença de Petrarca:

Tre dolci á in te raccolti

Sposa, Madre, e Figliuola

A sua tocante composição está irrevogavelmente colocada na gaveta sagrada que contém somente a correspondência excepcional.

Respeito e Simpatia

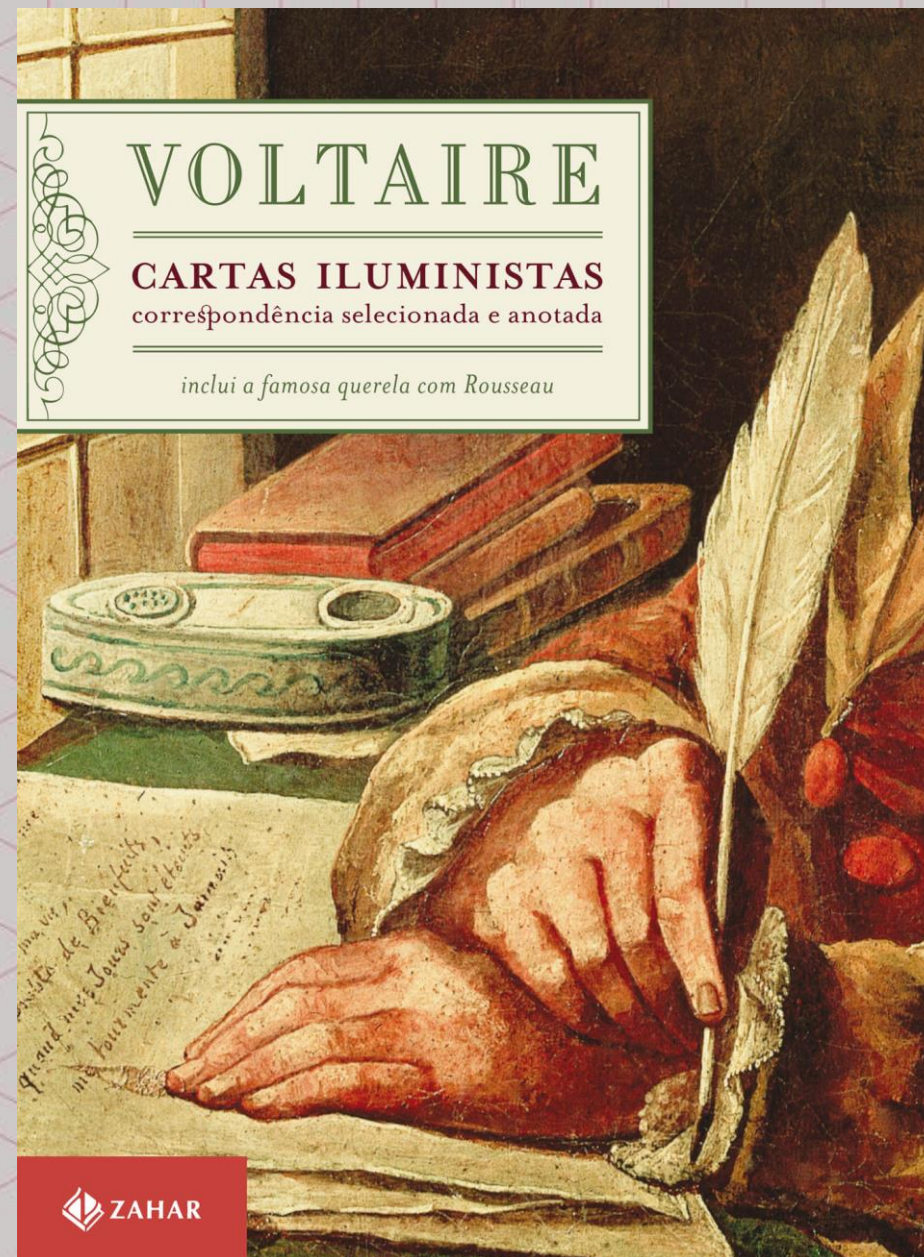
Augusto Comte





Escrevo-vos uma longa carta
porque não tenho tempo de a
escrever breve.

Voltaire



N. _____

Nome: *Afonso Henrique de Lima Barreto*
Cl. Manoel Idalio 33 anos. Estado *Pollense*

Nacionalidade *Baileira* Profissão *Emprego publico* Entrada em *18 de Agosto* de *1914*

Diagnostico *Marolismo*



DADOS ANTROPOMETRICOS



Pi, 24-3-19

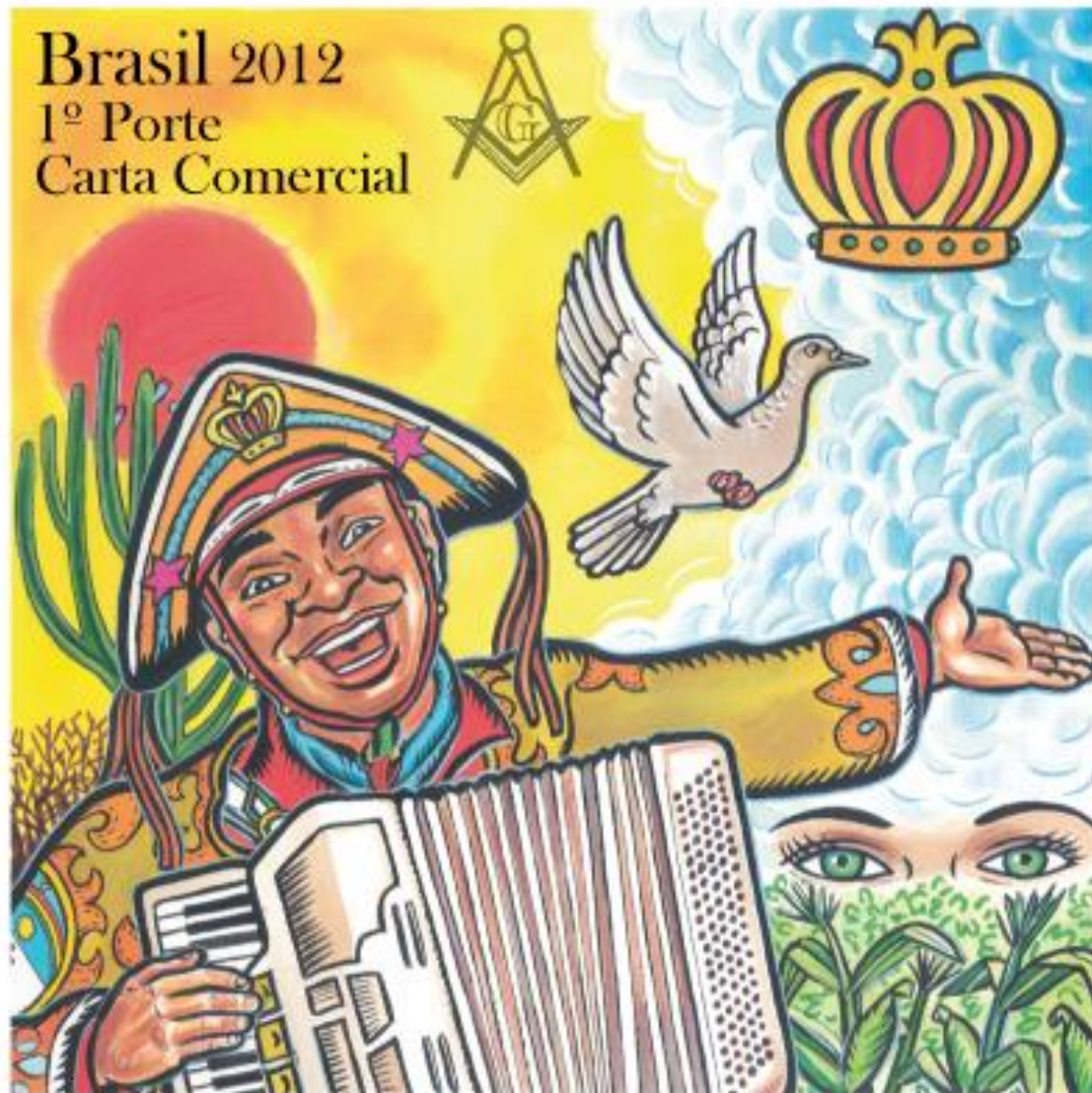
Meu caro Lello

Mi sei mai una notiziã de "A Festa"
Seu e sempre sobre a notiziã, sobre a
Cristianidade, um golpe - um objecto e,
se devesse, em a parte.

Quero a "A Festa" de S. Paulo, 2000,
de-se saber? De qualquer maneira, tem
muito objecto por a elle em qualifica
e. Assim a parte de Pi, Francisco - a
seu objecto de a parte.

Luiz - Paulo

Brasil 2012
1º Porte
Carta Comercial



Jó Oliveira

Centenário do nascimento de Luiz Gonzaga - o Rei do Baião

CARTA

Composição: Benil Santos / Raul Sampaio.

Escrevo-te estas mal traçadas linhas, meu amor
Porque veio a saudade visitar meu coração
Espero que desculpes os meus erros por favor
Nas frases desta carta
que é uma prova de afeição
Talvez tu não a leias mas quem sabe até darás
Resposta imediata me chamando de meu bem
Porém o que me importa
é confessar-te uma vez mais

Não sei amar na vida mais ninguém

Tanto tempo faz,
que li no teu olhar
A vida cor-de-rosa que eu sonhava
E guardo a impressão
de que já vi passar
Um ano sem te ver,
um ano sem te amar
Ao me apaixonar,
por ti não reparei
Que tu tivestes só entusiasmo
E para terminar, amor assinarei
Do sempre, sempre teu...

A CARTA

Na carta perfumada que
deixaste sobre a mesa
Tenho a certeza de tua traição
Minhas lágrimas caíam teimosas
Sobre as folhas cor-de-rosa
escritas por tua mão

Partiste mas minha alma seguirá
teus passos
Onde estiveres, eu estarei contigo
Hás de guardar uma saudade
minha
Tua lembrança ficará comigo

Não penses mais em mim

Seria inútil, pois nunca te amei
O que houve entre nós dois foi
apenas fantasia
Nosso passado terminou como
termina
Todas as ilusões
Doravante seguiremos caminhos
diferentes
Não me procures, seria uma
desilusão a mais.

E esta palavra, no fim da carta
Manchada pelo pranto meu
Esta palavra que me tortura é
adeus.

Luiz Gonzaga



ILUSTRAÇÃO: ARIEVALDO VIANA

Senhor Catulo de Paiva,
Quando vem mesmo sarariva
Cai aqui no nosso Estado,
So tristeza a gente vê,
Leia e veja este ABC
Do Nordeste Flagelado.

Antonio Gonçalves da Silva

Patativa do Assaré

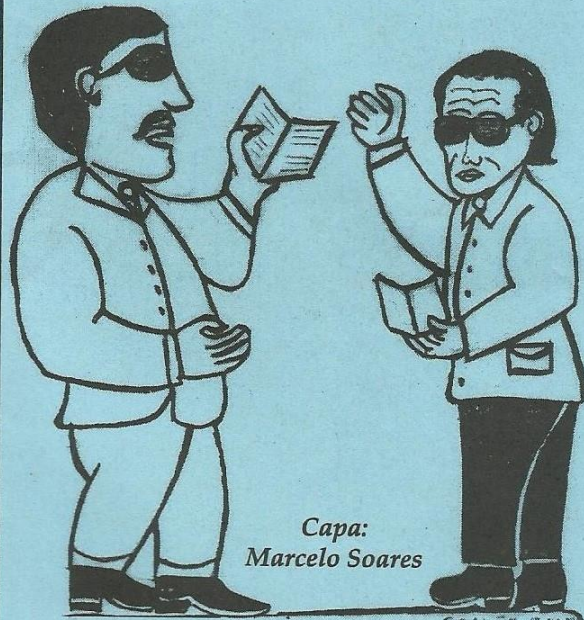
Cidade, Assaré,
Distrito, Serra de Santana





Cartas Sertanejas ou Cantigas do Exílio

Moreira de Acoiava e Manoel Monteiro



Capa:
Marcelo Soares

C O R D E L

1ª Edição - Campina Grande - Paraíba - Brasil - 04/2005



O FORRO

J. BORGES

J. Borges - 02





revista
**mangues
& letras**

RECIFE - Theatro Santa Izabel.